

ETNOICTIOLOGIA DOS PESCADORES ARTESANAIS DA VILA CACHOEIRA, ILHÉUS - BA

Fábio dos Santos MASSENA^{1*}; Fernanda Lisboa RAMOS²; Patricia Izzo MIROTTI³; Salvador Dal Pozzo TREVIZAN⁴, Lia Mara WIBELINGER⁵

¹Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente - Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC; ^{2,3}Engenheira Ambiental; ⁴ Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Docente) - Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; ⁵ Doutora em gerontologia Biomédica, Docente da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo-UPF-RS

email: fabiomassena@gmail.com

Recebido em 20/02/2014

Resumo – O presente estudo foi desenvolvido na comunidade de pescadores artesanais do Bairro Vila Cachoeira, localizado na margem direita do estuário do rio Cachoeira, município de Ilhéus, Bahia, nordeste do Brasil, com o objetivo de estudar o conhecimento e a percepção deles, no que se refere à ictiologia local. Os principais instrumentos da metodologia empregada foram entrevistas livres, entrevistas semi-estruturadas e observação *in loco*. Os resultados obtidos evidenciaram que os pescadores percebem as modificações no ambiente, que respeitam os períodos climáticos e que se preocupam com a poluição das águas, bem como conhecem o comportamento das espécies que pescam. Estes resultados fornecem informações sobre o estado atual da cultura pesqueira da comunidade pesquisada e demonstram a importância de mantê-la preservada. Os dados também mostram que o conhecimento dos pescadores pode ser útil nos estudos de conservação e preservação do Estuário do Rio Cachoeira.

Palavras-Chave: Etnoictiologia, Pescadores, Pesca artesanal

ETHNOICHTHYOLOGY OF TRADITIONAL FISHERMEN FROM VILA CACHOEIRA, ILHÉUS – BA

Abstract - This study was developed in artisanal fishing community of Bairro Vila Cachoeira neighborhood, located on the right bank of the estuary of the Cachoeira River, municipality of Ilhéus, Bahia, northeastern Brazil, with the aim of studying the knowledge and perception of them as regards the local Ichthyology. The main instruments of the methodology were free interviews, semi-structured interviews and observation *in loco*. The results obtained showed that fishermen perceive the changes in the environment, respecting the climatic periods and who care about water pollution, as well as know the behavior of the species fishing. These results provide information about the current state of the fishing culture of the community searched and demonstrate the importance of keeping it preserved. The data also show that fishermen's knowledge can be useful in studies of conservation and preservation of the Cachoeira River Estuary.

Keywords: Etnoictiologia, Fishermen, Fishing

INTRODUÇÃO

A pesca constitui uma importante fonte de alimento, de comércio, de renda e de lazer para um considerável número de pessoas, destacando-se principalmente aquelas comunidades próximas aos ambientes aquáticos que utilizam a atividade pesqueira tanto para sua subsistência, quanto como fonte de renda com a comercialização do pescado (SANTOS & SANTOS, 2005).

Historicamente, essa exploração é a principal atividade extrativista realizada pelo homem, envolvendo direta ou indiretamente pessoas de diferentes status sociais. Esse processo de exploração é determinado por componentes bio-ecológicos, sociais e econômicos, constituindo um tripé, cuja avaliação e o entendimento dessa dinâmica permitem explicar como o homem, principalmente os que vivem nas margens dos rios, usufrui desses recursos aquáticos de uma maneira tão natural.

Estudos relacionados a essa questão tiveram início na década de 50, na Universidade de Yale (EUA), na composição de uma ação Antropológica entendida também como Antropologia Cognitiva, nova Etnografia ou Etnografia, como referência científica é considerada nova (DIEGUES, 2000; COSTA NETO, 2002).

Entende-se, portanto, que estudos etnocientíficos, interdisciplinares e voltados para a dinâmica “homem/natureza”, contribuem de forma substancial pesquisas etnográficas, tanto no saber quanto na inovação de aspectos teóricos e metodológicos (PASINATO, 2003).

Nesta abordagem surge a Etnoecologia, que estuda o conhecimento popular sobre a dinâmica do meio natural, as percepções e as práticas de manejo adquiridos pelas comunidades tradicionais. Área científica de suma importância, pois muitas vezes a interpretação do ambiente só é possível graças a esse tipo de saber tradicional.

Essa interpretação por parte dos pescadores da comunidade da Vila Cachoeira é principalmente atribuída à pesca, pois os mesmos apresentam um conhecimento peculiar em relação a fauna íctica local. Destacando-se dentro deste saber tradicional principalmente o conhecimento do comportamento, hábitos alimentares, reprodução e ecologia dos peixes, além de informações importantes sobre como manejar, conservar e utilizar esses recursos de maneira sustentável.

Neste contexto, qualquer análise que se pretenda fazer sobre os recursos pesqueiros, não pode considerar exclusivamente o ambiente, a abundância e a dinâmica dessas populações, mas é necessário ter como princípio norteador as crescentes necessidades socioeconômicas do homem e as alterações que essas necessidades causam.

Com isso, a valorização dos aspectos culturais, caracteriza-se como uma mudança de paradigma, pois o conhecimento tradicional que antes era tido como um obstáculo ao desenvolvimento, hoje passou a ser considerado essencial e ponto de partida para esse processo. Assim, a sustentabilidade cultural é vista como uma das principais ferramentas para o desenvolvimento sustentável (SACHS, 1993).

Segundo Diegues (2001), o manejo sustentável dos recursos naturais busca a utilização adequada dos mesmos, de modo a respeitar a capacidade de reprodução das espécies. Somando isso com estudo etnoecológico local, pode-se conseguir tanto a melhoria das condições de vida das comunidades quanto a conservação do patrimônio natural e cultural local.

Cabe ressaltar ainda, a importância de se utilizar desses estudos, criando uma abordagem participativa da comunidade local, juntamente com as modernas tecnologias e o conhecimento científico, para tomada de decisões no que se refere às questões socioambientais.

Portanto, este trabalho teve como objetivo principal, analisar o conhecimento etnoicliológico dos pescadores do bairro Vila Cachoeira, pertencente ao município de Ilhéus, no Sul do Estado da Bahia.

A comunidade pesqueira da Vila Cachoeira, em Ilhéus na Baía, foi escolhida como local de execução deste trabalho pelos seguintes fatores: sua localização (área de estuário); a existência de grande concentração de pescadores; a influência da externalidade nos aspectos socioambientais a que está sujeita a comunidade e devido a falta de bibliografia registrada a seu respeito.

MATERIAL E MÉTODOS

ÁREA DE ESTUDO

A Vila Cachoeira está localizada nas margens do Rio Cachoeira, no Sul do Estado da Bahia, longitude 39°08'96''W e latitude 14°48'55''S, no Km 13 da rodovia Ilhéus – Itabuna. Foi fundada por pescadores e trabalhadores rurais das antigas lavouras de cacau, que outrora eram o sustentáculo da região. O espaço geográfico ocupado pelos moradores se estende numa extensão de aproximadamente 10 km² (ARAUJO, 1994). Hoje a comunidade conta com mais de 900 moradores distribuídos em 180 famílias, no qual a sua maioria foi nascida e criada na comunidade, que data mais de 90 anos de existência.

O clima da região, assim como as demais áreas costeiras, inter-tropicais úmidas, tem uma temperatura média anual superior a 24°C, sendo notadas médias mensais de 21°C nos meses mais frios (junho, julho e agosto). O clima é quente com precipitações pluviométricas superiores a 1.300 mm/ano e está enquadrado, segundo a classificação de Köppen na categoria AF (quente

permanente úmido de florestas) (ARAUJO, 1994).

A Vila é banhada pelo Rio Cachoeira, daí sua denominação. O Rio é formado pelos rios Salgado, que banha as cidades de Firmino Alves, Santa Cruz da Vitória, Floresta Azul, Ibicarai e Itapé e o Rio Colônia que banha as cidades de Itajú do Colônia e Itapé. A confluência desses rios acontece no município de Itapé, formando o Rio Cachoeira, vindo este a desaguar em Ilhéus no Oceano Atlântico.

COLETA DE DADOS

Antecedendo as viagens de campo, foi realizado um levantamento de dados secundários em trabalhos científicos e técnicos publicados, relacionados com o tema pesquisado. Todo o trabalho *in loco* foi realizado com base em observações, registradas por escrito, gravadas e fotografadas. A coleta de dados foi realizada em três etapas.

A primeira etapa ocorreu com a realização de três visitas preliminares para o reconhecimento da comunidade. Por ser um método bastante eficiente para este tipo de estudo, a observação foi utilizada em todos os momentos do trabalho. Assim, foi possível identificar os especialistas locais a serem consultados, além de possibilitar um melhor reconhecimento do local. O uso de diários de campo foi fundamental nesta e em todas as fases do estudo.

Para Viertler (2002), diários de campo são fundamentais em pesquisas antropológicas, pois são neles que os pesquisadores anotam suas observações e impressões a respeito do objeto pesquisado, o que ajuda no desenvolvimento do trabalho.

A segunda etapa foi baseada no método Bola de Neve (BAILEY, 1982), que consiste na procura por pessoas que possuam contato direto com a atividade pesqueira. Ao final de cada entrevista é solicitado ao informante que indique um ou mais pescadores da comunidade que tenha a pesca artesanal como principal fonte de renda.

As informações foram obtidas de forma qualitativa através de entrevistas livre ou abertas com os pescadores locais. Sendo coletados dados gerais dos informantes e dados sobre a pesca na Vila Cachoeira. A duração média de cada entrevista foi de 40 minutos aproximadamente, tendo entrevistado nessa etapa um total de 4 (quatro) pescadores.

Na terceira e última etapa, foi definido os pescadores que seriam os informantes para o levantamento do conhecimento etnoictiológico. Os principais critérios adotados na seleção dos que seriam entrevistados foram: a) tempo de pesca igual ou superior a 10 anos; b) dedicação integral à atividade pesqueira; c) pescadores aposentados, que ainda pescam para consumo ou eventual comércio.

Assim aplicou-se aos pescadores selecionados um questionário semi-estruturado sobre a descrição dos peixes, seu *habitat*, a sazonalidade, bem como as técnicas para captura das espécies. O tempo de duração das entrevistas nesta etapa variou entre 20 e 60 minutos dependendo da disponibilidade de cada pescador em participar da pesquisa, num total de 11 (onze) entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Diegues (2001), há a existência de diferentes olhares na construção de paisagens: o olhar das populações urbanas, direcionado às relações estéticas; o olhar dos cientistas, identificando um objeto de estudo e o olhar das populações locais, sendo a paisagem, sobretudo o local onde vivem. O isolamento parcial do bairro Vila Cachoeira, devido à distância do centro da cidade de Ilhéus, restringe o contato com pessoas de outros lugares, proporcionando-lhes uma visão peculiar do mundo e do local.

Mourão e Nordi (2003) destacam que pescadores artesanais, possuem importante conhecimento empírico, que devem ser respeitados e considerados no estabelecimento de reorientações quanto a sua conduta em relação ao seu ambiente a à obtenção de recursos.

Essa visão dos pescadores é nítida da área de estudo, onde a atividade é exclusivamente artesanal, sendo o setor pesqueiro local compreendido em duas atividades, a pesca e a mariscagem. A primeira se refere à captura de peixes, sendo considerada de maior importância socioeconômica na comunidade, enquanto que a segunda se refere a captura de moluscos e outros crustáceos.

Com isso, os homens e mulheres da Vila tem na pesca artesanal sua principal fonte de renda, existindo ainda outras rendas secundárias ligadas aos recursos naturais, que auxiliam de forma importante na manutenção financeira dessa comunidade, como a caça, a extração de areia e a confecção de redes e manzuás.

Constatou-se, contudo, que a pesca artesanal no local, é desenvolvida basicamente por pescadores “antigos”, com uma faixa etária predominantemente superior a 40 anos (64%) enquanto que apenas (36%) possui menos de 40 anos de idade. Isso demonstra que a atividade pesqueira é proporcionalmente pouco explorada pelos mais jovens que, geralmente, tem buscado a inserção em outras atividades nos centros urbanos.

O fato dos jovens não estarem em sua maioria envolvidos diretamente com a pesca, proporcionara uma ruptura no ciclo de transmissões dos saberes, ou seja, esse resultado aponta para o fato de que o conhecimento de pesca na comunidade não será transmitido aos jovens de maneira a proporcionar continuidade na prática da atividade de pesca.

Fato corroborado Souza (2004), quando argumenta que nos dias atuais, devido as grandes

transformações que vem ocorrendo nas comunidades pesqueiras artesanais, não são só os instrumentos e aparatos tecnológicos que sofrem mudanças, mas também interferências no modo de vida dos pescadores, que tem muitas vezes como consequências, o abandono da tradição.

Entre os pescadores ainda em atividade na área, concluiu-se que 72,7% nasceram no bairro, não havendo nenhum pescador natural de outros Estados. Todos eles residem na comunidade há mais de 10 anos, evidenciando uma baixa mobilidade no tempo e espaço, que pode ser atribuída as poucas oportunidades de trabalho na região.

No que se refere ao desenvolvimento de outras atividades paralelamente à pesca, foi detectado que cerca de 16,8% dos entrevistados desenvolve alguma outra atividade para complementar a renda familiar. Entre elas está a confecção de manzuás, aparelho de pesca muito utilizado pela própria comunidade e que representa uma importante atividade desempenhada pela população local.

No que se referem aos locais onde são realizadas as pescarias, os agentes revelam que não têm lugares reservados, quem chega primeiro ao local tem a preferência e os que vão aparecendo deslocam-se para outros pontos. Ao evitarem lugares já ocupados, os pescadores estão empregando regras informais que se baseiam no respeito.

Com isso, pode-se perceber que mesmo não sendo verificada a posse de espaços de pesca pelos pescadores, quando um bom local de pesca é encontrado, os mesmos procuram manter segredo sobre a localização. Esta estratégia serve como mecanismo adaptativo de defesa, visando garantir direitos de propriedade em alguns pontos, diminuindo a interferência entre a produtividade de cada pescador e prevenindo a sobrepesca.

Diegues (1983) e Costa-Neto e Marques (2000), já haviam observado em comunidades de pescadores artesanais, esta estratégia. Eles relatam sobre o segredo da pesca relacionando-o com o conhecimento destes referente às técnicas de pesca e ao ambiente.

Assim, na pesca artesanal desenvolvida na Vila Cachoeira, a estratégia do segredo é empregada pelos pescadores de forma a diminuir a competição pelo pescado, principalmente se eles não possuírem outra fonte de renda. Segundo Berkes, Feeny e McCay (1989), a exclusão de outros possíveis usuários é um fator determinante na capacidade de um grupo manejar os recursos. No entanto, existe uma troca de informações sobre a localização do pescado entre famílias, que utilizam áreas comuns de preparação dos peixes para o comércio.

Outro fator identificado que diminui a pressão sobre a ictiofauna e assim, ajuda no manejo dos recursos, foi percebido nas conversas informais com os pescadores, trata-se da pré-seleção do pescado, onde já na separação do peixe, aquele que é considerado pequeno “alevino” é descartado ainda dentro d’água no momento em que é capturado. A devolução de filhotes é uma referência da

consciência entre os pescadores, fato justificado principalmente por aqueles mais velhos como sendo uma estratégia para garantir o pescado para o futuro.

É unânime entre os agentes pesquisados, que a quantidade de peixes e mariscos diminuiu consideravelmente, sendo que algumas nem são mais encontradas. As explicações para este fenômeno variam, a maioria deles afirma que esta situação está acontecendo porque as águas do rio Cachoeira ou “Cachoeirinha”, como é chamado pelos pescadores, “diminuíram e ficaram muito suja”. Outros já atribuem a diminuição e escassez da maioria das espécies de peixes e mariscos à pesca abusiva no passado e a utilização de veneno para facilitar a pesca do camarão (*Macrobrachium spp*) e pitu (*Macrobrachium carcinus*).

Dos pescadores entrevistados, 51% apontam que o robalo (gênero *Centropomus*) é o peixe de maior valor econômico, o pitu (*Macrobrachium carcinus*), foi citado por 48% deles, ocupando a segunda colocação, e o Camarão (*Macrobrachium spp*) representou 1% do total. Entretanto, nos relatos eles destacam o fato de estar cada dia mais difícil encontrar estas espécies no rio Cachoeira.

Outro conhecimento apresentado a respeito do ambiente de pesca pode ser detectado na observação dos fatores bióticos e abióticos que interferem na realização da atividade pesqueira. Um dos principais indicados foi: redução do volume de água no rio e a presença excessiva das baronesas (*Eichhornia crassipes*). Para os pescadores da Vila, as baronesas (*Eichhornia crassipes*) representam um enorme incômodo, pois impedem que as redes sejam lançadas, provocam uma enorme coceira por todo o corpo, aumentam a quantidade de mosquito na região, além de servir de esconderijo para animais peçonhentos como cobras. “Nesta época a gente não pesca muito de tarrafa, por causa das baronesas. Eu limpo um poço (retira as baronesas) e pesco de anzol e jereré” (pescador).

Além disso, a qualidade das águas do Rio Cachoeira está diretamente relacionada a fatores como a ocupação e o uso das terras de sua Bacia, além das características naturais do ambiente. Outro fator determinante seriam as práticas agropecuárias inadequadas, o desmatamento e a ação antrópica que contribui para a degradação dos recursos hídricos.

Ainda neste contexto, a sobrecarga de matéria orgânica originada principalmente dos esgotos não tratados de municípios como Itabuna, por exemplo, contribui para o crescimento excessivo de macrófitas aquáticas no rio, comprometendo o equilíbrio do corpo d’água.

Com isso, fica evidente a importância na preservação da mata ciliar e esse conhecimento pode ser explicado pela vivência dos próprios pescadores. As áreas ripárias são importantes para as funções hidrológicas e ecológicas, auxiliando na proteção dos peixes e de seu *habitat*, na sua alimentação e na regulação hídrica.

Pode-se perceber que o saber e as práticas das sociedades tradicionais contribuem de forma

significativa para o conhecimento da diversidade ictiológica. Além de desenvolverem um conhecimento aprofundado sobre o ambiente que os circundam, se utilizam dos recursos interferindo assim nos sistemas ecológicos. Diegues e Arruda (2001) sustentam que a biodiversidade não é só um produto da natureza, mas em muitos casos, é produto da ação das sociedades e culturas humanas. Sendo assim, o conhecimento tradicional é uma herança para as comunidades, sendo uma fonte significativa de informações para as sociedades mundiais.

O conhecimento que os pescadores da Vila Cachoeira trazem sobre o ambiente em que vivem e sobre os recursos naturais, indicam o quanto é rico o saber que possuem, e o quanto essas informações se tornam importantes para sua sobrevivência. Observou-se que além do seu profundo entendimento, o grupo de pescadores entrevistados utilizam uma grande variedade de peixes para sua alimentação e para comercialização (Tabela 1). Esses fatos demonstram que apesar da proximidade com as cidades (Itabuna e Ilhéus), eles continuam mantendo uma forte interação com a natureza.

Tabela 1. Principais Espécies pescadas na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia.

NOME VULGAR	NOMECLATURA CIÊNTEFICO	UTILIZAÇÃO
Acari	<i>Hipostomus</i> sp	Alimentação e Comércio
Aratanha	<i>Macrobrachium olfersii</i>	Alimentação e Comércio
Bagre	<i>Netuma barba</i>	Alimentação e Comércio
Beré	<i>Geophagus brasiliensis</i>	Alimentação e Comércio
Bicudo	<i>Não identificado</i>	Alimentação e Comércio
Carapicu	<i>Eucinostomus gula</i>	Alimentação e Comércio
Carapeba	<i>Diapterus rhombeus</i>	Alimentação e Comércio
Calambau	<i>Macrobrachium acanthurus</i>	Alimentação e Comércio
Camarão	<i>Macrobrachium</i> sp.	Alimentação e Comércio
Carpa	<i>Cyprinus</i> sp.	Alimentação e Comércio
Curumatã	<i>Prochilodus costatus</i>	Alimentação e Comércio
Curuca	<i>Atya scabra</i>	Alimentação e Comércio
Guede	<i>Chichlasoma</i> sp.	Alimentação e Comércio
Jundiá	<i>Rhamdia</i> sp.	Alimentação e Comércio
Morea	<i>Não identificado</i>	Alimentação e Comércio
Piaba	<i>Astyanax</i> sp.	Alimentação e Comércio
Pitu	<i>Macrobrachium carcinus</i>	Alimentação e Comércio
Pitu-Mirim (Pitu cachoeira)	<i>Macrobrachium</i> sp.	Alimentação e Comércio
Piau	<i>Leporinus lacustres</i>	Alimentação e Comércio
Robalo	<i>Centropomus</i> sp.	Alimentação e Comércio
Siri	<i>Callinectes</i>	Alimentação e Comércio
Traíra	<i>Hoplias malabaricus</i>	Alimentação e Comércio
Tucunaré	<i>Cichla temensis</i>	Alimentação e Comércio
Tilapia ou Pilap	<i>Tilapia rendali</i>	Alimentação e Comércio
Tambaqui	<i>Colossoma macropomum</i>	Alimentação e Comércio

Tainha	<i>Mugil curema</i>	Alimentação e Comércio
Xaréu	<i>Caranx hippos</i>	Alimentação e Comércio

Na tabela 1, estão relacionadas as 27 espécies descritas no questionário semi-estruturado aplicado aos 11 pescadores artesanais entrevistados. Para todos eles, as 27 espécies sofreram e/ou estão sofrendo uma redução na quantidade. O Pitu (*Macrobrachium carcinus*) e o Robalo (*Centropomus* sp.) são os mais mencionados, pois, representam para a comunidade as espécies de maior valor comercial e demanda de clientes. Quando questionados sobre os principais motivos que ocasionaram a redução das espécies no rio Cachoeira, a resposta é unânime, atribuem ao fato do Rio Cachoeira estar cada dia mais “seco”, ou seja, a vazão tem diminuído consideravelmente nos últimos anos, além de estar sendo poluída pelos esgotos de diversas cidades. “O rio está cada dia mais seco, com água suja parece um esgoto! Tem peixe morrendo, por não conseguir respirar, de tão suja que tá a água!” (pescador).

As condições do tempo são fatores que influenciam diretamente as atividades, principalmente a pesca artesanal. Para os agentes estudados existem basicamente duas estações durante o ano, inverno e verão e estes dois períodos exigem mudanças no cotidiano das pescarias. Esse conhecimento possibilita uma otimização do uso do *habitat*, que facilita as pescarias e as vendas dos pescadores.

O inverno representa o período chuvoso e as águas estão mais frias, o que provoca uma redução na quantidade do pescado, pois segundo os pescadores os peixes se escondem. O verão é a estação quente, segundo 90% deles é a melhor época para pescar, onde a falta de chuvas torrenciais deixa o rio mais seco com poços que são propícios para colocar os manzuás. Eles acreditam que no verão os peixes se deslocam e saem dos esconderijos “*debaixo das pedras e em locas*” para comer e reproduzir, sendo mais fácil capturá-los.

Sobre as espécies, a tilápia (*Tilapia rendali*), é uma espécie exótica encontrada nas pescarias, os pescadores adotaram essa espécie, pois encontraram nela uma boa opção de comércio devido sua boa aceitação pelos consumidores e por ser um peixe mais barato, facilitando assim sua comercialização. O mesmo não acontece com o bagre (*Netuma barba*), uma espécie exótica que despertou a repudia dos pescadores (81% deles), por ser um peixe extremamente predador.

A preparação do pescado para a venda geralmente ocorre no quintal de casa após o retorno das pescarias. Durante este procedimento faz-se a seleção das espécies, onde é separado o que vai para o consumo (geralmente os de menor tamanho, menor valor comercial ou pouca procura) e o que será comercializado.

Foram observadas duas linhas de comercialização: uma se dá a partir do próprio pescador que também atua como comerciante, vendendo para a comunidade local. Outra é praticada por ex-

pescadores, que revendem o pescado na comunidade, na curva do pitu ou em feiras livres. Existem também os atravessadores que compram o pescado e os vendem para restaurantes e peixarias dos municípios vizinhos.

Dentre os artefatos mais utilizados na atividade de pesca artesanal, está a jangada (Figura 1), uma das mais primitivas embarcações, nascida há dezenas de milhares de anos, feita de madeira leve para ajudar na flutuação e sem pregos para sua fixação. De fácil manobra e com custo relativamente baixo, sua aquisição e/ou confecção é de fácil acesso a 85% dos pescadores entrevistados. A jangada, se bem cuidada, pode durar em média de dois a três anos, segundo os agentes. Sua capacidade dependerá do tamanho, assim quanto maior seu comprimento mais peso suportará.

Outra embarcação também utilizada pelos pescadores, em uma proporção de 5%, é a canoa não motorizada de tronco único (Figura 2). As Canoas geralmente são feitas de jaqueira (*Artocarpus integrifolia* L.f.) e por serem de complexa confecção, tem custo financeiro maior, sendo assim menos utilizadas pelos pescadores locais.



Figura 1. Jangada



Figura 2. Canoa

Apenas 10% dos pescadores entrevistados não possuem uma embarcação própria, quando precisam, os outros pescadores emprestam, isso comprova a cordialidade e o companheirismo existente entre eles.

Quanto aos utensílios utilizados para a captura do pescado, foi possível relacioná-los com as espécies capturadas, como demonstrado a seguir na tabela 2.

Tabela 2. Principais instrumentos utilizados pelos pescadores

INSTRUMENTOS	ESPÉCIES CAPTURADAS
Jiqui	Beré, carpa, jundia, lampreá, morea, piaba, piau, tambaqui, tainha, xaréu.
Manzuá	Aratanha, calambau, camarão, pitu
Manzuá de Poço	Aratanha, calambau, camarão, pitu
Jereré	Aratanha, calambau, camarão, pitu
Anzol	Guede, morea, rubalo, pilap, traíra, tucunaré
Tarrafa	Acari, rubalo, guede, pilap, traíra
Siripóia	Siri

O jiqui, por exemplo, é um artefato de pesca que não exige a permanência do pescador. É uma armadilha semi-fixa para a pesca de várias espécies de peixes e alguns crustáceos. Assim como o jiqui, o manzuá e o manzuá de poço, também não necessitam da permanência do pescador no local, eles são fixados sobre o substrato do rio, em média por dois dias, depois a armadilha é retirada. De formato hexagonal, é confeccionado com palhetas de cana-brava (*Poaceae*) e geralmente possui somente uma entrada. Em cada lado do seu interior é colocado um “embrulho” de iscas que tem a função de atrair as espécies.

O jereré é outro tipo de artefato utilizado, é um tipo de tarrafa menor e facilita a pesca nas margens do rio, geralmente é feito com a reutilização de materiais, como por exemplo, sacos de cebola. Além dessa mini tarrafa, existe a siripóia, um outro tipo de tarrafa pequena, porém, utilizada para a captura de siri. Já a tarrafa convencional é uma rede utilizada para captura de peixe. O pescador lança a rede que se abre e cai. As chumbadas nas extremidades da rede a levam ao fundo. Porém, esta técnica é mais utilizada durante o verão, na pesca de peixes de pequeno porte.

Podemos classificar estes aparatos de pesca como de simples confecção e aquisição, uma vez que boa parte dos materiais usados na construção é adquirida no próprio ambiente onde vivem (tala de dendê, tala de bambu e cipó), com pouca inserção de material industrializado.

CONCLUSÕES

Os pescadores da Vila Cachoeira possuem um importante conhecimento empírico, que deve ser respeitado no estabelecimento de reorientações e projeções quanto à sua conduta em relação ao ambiente e principalmente de obtenção dos recursos pesqueiros.

Eles compreendem toda a dinâmica dos organismos importantes para suas atividades econômicas. Assim, o espaço aquático se apresenta não como simples suporte passivo em que o

pescador desenvolve sua atividade, mas como marco da ação espaço-temporal e de respostas comportamentais aos problemas gerados pelo ambiente.

A essência da pesca na Vila é o conjunto dos conhecimentos do meio natural e dos fenômenos atuantes. Portanto, esse estudo, identificou o conhecimento dos pescadores locais e sua prática produtiva, ficando registrada a diversidade cultural, o que poderá servir de base para um plano de manejo ambiental.

Neste sentido, os ritmos temporais presentes na pesca artesanal nos forçam a entender a forma como os homens se inter-relacionam, entre si e, em especial, com o ecossistema aquático. Deste modo, os saberes sobre a natureza das populações locais são de suma importância para a valorização do conhecimento etnoictiológico e para a administração dos recursos naturais de forma adequada.

Cabe ressaltar que a interação do conhecimento tradicional com o conhecimento acadêmico mostrou-se fundamental para o entendimento sistêmico do meio ambiente e do desgaste que os diferentes ecossistemas têm sofrido, devido a utilização indiscriminada dos recursos naturais, bem como as alternativas possíveis, sempre considerando principalmente a sobrevivência humana.

Sendo assim finaliza-se este trabalho ciente que as abordagens qualitativas levantadas e apresentadas poderão ser complementadas com dados quantitativos, possibilitando a identificação de padrões no uso dos recursos naturais e sua administração de forma sustentável.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, O. M. (1994). Recursos Naturais e Sobrevivência da População Rural da Vila Cachoeira. Ilhéus: UESC.
- BAILEY, K. D. (1982). Methods of social research. McMillan Publishers, The Free Press, New York, USA, 553p.
- BERKES, F.; FEENY, D. & McCAY, B. J. (1989). The benefits of the commons. Nature, v. 340, p. 91-93.
- COSTA NETO, E. M. (2002). Manual Etnoentomologia. Feira de Santana. Zaragoza, v. 4
- COSTA-NETO, E. M. & MARQUES, J. G. W. (2000). Conhecimento ictiológico tradicional e a distribuição temporal e espacial de recursos pesqueiros pelos pescadores de Conde, Estado da Bahia, Brasil. Etnoecológica, 4 (6): 56-68.
- DIEGUES, A. C. S. (1983). Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar. São Paulo: Editora Ática.
- DIEGUES, A. C. (Org.). (2000). Etnoconservação, novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Editora Hucitec.

DIEGUES, A. C. S & ARRUDA, R. S. V. (2001) Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: USP, 176p.

PASINATO, R. (2003). Aspecto etnoentomológicos, sócios–econômicos e ecológicos relacionados a cultura de erva – mate no município de salto do lontra, Paraná-Brasil. (Mestrado em Ecologia de Agrossistema). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. São Paulo.

SACHS, I. (1993). Estratégias de Transição para do século XXI – Desenvolvimento e Meio Ambiente. São Paulo: Studio Nobel.

SANTOS, G. M. & SANTOS, C. M. (2005). Sustentabilidade da pesca na Amazônia. Estud. Av. [online]. vol. 19, n. 54, pp. 165-182. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n54/09.pdf>>. Acesso em 26 ago. 2012.

SOUZA, M. R. (2004). Etnoconhecimento Caiçara e Uso de Recursos Pesqueiros por Pescadores Artesanais e Esportivos no Vale do Ribeira. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agrossistema). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. São Paulo.

VIERTLER, R. B. (2002). Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: Unesp. p. 31-46.